

Você se lembra daquela vez...

Fabiano Santos Saito¹

14 de setembro de 2010

Aquele foi o primeiro dia em que ele sentia uma certa dor de cabeça a persistir... Acordou como se tivesse chumbo no crânio e ferreiros malhando aço quente em cada circunvolução de seu cérebro, tinha a sensação de que a luz estava mais clara do que nunca, aquela luminosidade era quase palpável e vinha em ondas quebrando no cais dos seus olhos... ele sabia que estava com uma cara horrível e que, quando fosse se olhar no espelho, haveria aquela ruga profunda entre os olhos, cavada pela profunda dor de cabeça, sentia uma pulsação estranha dentro do crânio, o sangue estava latejando todo em reboadas nas curvas secretas de seu cérebro... Dito e feito, a testa estava fendida com aquela ruga bem marcada, parecia um corte seco na pele dele... Abriu o armário em busca da cartela de aspirinas... Tomaria duas e viria o alívio, assim esperava... Tomou o banho com água fria, pois acreditava que isso também ajudava a aliviar aquela maldita dor de cabeça... Até o remédio fazer efeito, teria de suportar aquela dor insustentável, engraçado que quando estava inconsciente e imerso nos sonhos, parecia não perceber aquela dor intermitente e retumbante... Agora que estava desperto, não conseguiria dormir de novo, por mais que quisesse, o sono poderia apagar aquela sensação por demais incômoda na cabeça, mais não ia conseguir dormir agora que tinha consciência de quanto doíam seus nervos... O som da água do chuveiro caindo no piso do box parecia amplificado quando chegava nos seus tímpanos como trovoadas de uma tempestade em alto mar, até o ar parecia ter um odor dolorido...

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Doutorando em Linguística pela mesma instituição.

28 de agosto de 1995

Ele tinha acabado de chegar da escola, foi até o quarto, despiu o uniforme, colocou uma roupa mais confortável, tirou os sapatos e escorregou os pés para os chinelos (estavam suados por causa da meia e do calor, o resultado era aquele chulé azedo, nem ele suportava, mas se desculpava a si mesmo “a culpa é do calor que faz meus pés suarem”)... Saiu do quarto, deu dez passos no corredor... Grunhiu algumas coisas para o irmão mais velho, grosserias e implicâncias de um jovem aborrecente... Depois disso, não se lembrava de mais nada, quando voltou a si e abriu os olhos, percebeu que o irmão o ventilava... Ele estava caído no corredor, ouviu o relato do irmão “você me xingou e então ouvi um estalo e quando vim aqui ver, você estava caído no chão, aí eu peguei esse caderno pra te ventilar”, “o que você tá dizendo? eu caí? eu?”, “sim, você não sentiu nada estranho, uma fraqueza, as vistas escuras?”, “não, nada”, “esquisito”...

27 de outubro de 2010

– Doutor, eu vim aqui, porque de uns tempos pra cá, todo dia eu acordo com uma tremenda dor de cabeça, e eu queria saber o que é isso, porque não tô mais aguentando, sabe? Não, não é frescura não, doutor, é sério... Sinto tanta dor de cabeça, mas tanta dor de cabeça, que dá vontade de bater com ela na parede, pra ver se uma dor anula a outra... Eu não tô mais aguentando, doutor... Ah, eu tô tomando duas aspirinas assim que acordo, aí a dor passa... Ah, eu tomei por conta própria, porque pensei que era uma dorzinha de cabeça comum, passageira... O quê?! Nenhuma dor de cabeça é normal?! Eu sei, doutor, não podia tomar remédio por conta própria, mas sabe quando você quer que a dor passe, então era isso... É perigoso tomar medicamento por conta própria, eu sei, não precisa repetir, mas foi o que... Tá bom, já entendi... O que, doutor!!! Fazer todos esses exames?! Mas... Então, tem convênio do SUS?, é que eu não tenho plano de saúde, nem dinheiro pra fazer isso tudo... Com esse convênio então vai ser tudo de graça? por conta do governo? O resultado demora, né? O que que eu faço até lá, doutor? O quê?! Nenhum remédio até lá?! Mas como eu vou fazer?! É uma

dor insuportável, como eu expliquei... Ahn!? Ah, tá! Então eu posso vir aqui pra ser medicado? Bom, bom...

15 de dezembro de 2010

– Pronto, doutor, aqui estão os resultados de todos aqueles exames que o senhor me pediu pra fazer... Pois é, demorou bastante pra tudo ficar pronto... Mas ainda bem que eu tava sendo medicado aqui... Por falar nisso, doutor, o que que era aquele medicamento que as enfermeiras injetavam? Por que que eu tô perguntando? Ah, bem, é que fazia um efeito melhor do que as aspirinas, a dor sumia quase que de imediato... Um derivado da morfina, hum, tá... Ah, não pode abusar senão vicia, né? Deus me livre, doutor, já basta essa dor de cabeça infernal que parece mil sinos badalando dentro da cachola... Então, doutor, o que me diz? o que é essa dor de cabeça? Mas é claro que eu tô preparado, vai, pode falar... O quê? Um aneurisma? Ah, um coágulo que está inchando e que pode estourar a qualquer momento, sei... Não, não, o senhor só pode estar de brincadeira... Tem que operar? Urgente?! Não, não, eu vou querer ouvir uma segunda opinião sim!!! Eu não vou ser cobaia aí pro senhor abrir minha cabeça e ficar aí arriscado de ter uma sequela dessa operação... O quê? Procurar outro médico rápido... Sei, sei, é uma bomba relógio, pode explodir a qualquer momento... Não, não, obrigado, doutor, não precisa agendar com seu colega não, eu vou procurar uma segunda opinião em outro lugar, por conta própria... Eu sei que é arriscado demorar a tomar uma decisão e ficar andando por aí com essa doença, mas o senhor há de convir que é a minha vida que está em risco e eu não posso fazer uma operação assim de supetão se não ouvir outro especialista... Não, compreendo, compreendo... De qualquer modo, desculpa aí qualquer coisa que eu tenha falado, eu não tive a intenção de ser grosseiro nem nada, mas é que numa situação como essas, o cara perde a cabeça, doutor... Tudo bem, obrigado... Não, não precisa me acompanhar não, eu sei onde é a saída...

[Exit hospital]

(Bem, e agora?! onde vou encontrar um médico? se minha mãe tivesse aqui, podia me ajudar, ela que não saía dos hospitais, parecia hipocondríaca... onde raios eu vou arranjar outro neurologista? e que possa fazer tudo pelo SUS? Puta que pariu, é nessas horas que é

péssimo ser pobre e fodido... uma consulta num neurologista deve ser caro pra caralho... nem vou pensar muito nisso não, senão a dor de cabeça pode recomeçar... ainda bem que me injetaram aquela morfina de manhã... aquela enfermeira gostosa, aposto que tava me dando mole, safada... Ahh!!! Já sei, lá no hospital universitário!!! Como não tinha pensado nisso antes?! Lá eu devo encontrar algum neurologista, não é possível que lá não tenha pelo menos um! Seja lá o que Deus quiser... vou lá bem de manhã, que essa porra de dor de cabeça deve voltar, já aproveito pra tomar uma dose do derivado de morfina e ver se o problema é assim tão grave quanto pintou aquele filho-da-puta que queria abrir minha cabeça...)

16 de dezembro de 2010

– E então, doutor? ...

... ..

(É, eu tô desenganado mesmo, não tem jeito... vou ter que operar essa droga de cabeça... pelo menos esse médico me explicou tudo mostrando nos exames... aquela mancha preta no raio X e aquela veia ou artéria toda branca e embolada e ele me mostrou aquela bola que parece um nó sim sim um nó na cabeça sem mais nem menos é isso um nó na cabeça... como isso pode ter acontecido? eu não fumo, bebo pouco, não tenho diabetes, minha pressão o doutor mesmo falou que tá normal, será que isso tudo é por culpa de umas batatas fritas e de um churrasco vez por outra? ou será que é mal de família? por que o corpo da gente é uma coisa tão frágil??? meu Deus, qualquer coisinha e uma veia se rompe e aí já era... a gente cai, quebra a cabeça e já era também... a gente não podia ser tão vulnerável assim não... ora!!!)

– Ok, doutor. De acordo, pode marcar a operação. Vai ser tudo de graça, né? O senhor sabe, não tô numa situação muito boa, ainda mais agora tendo que pedir pra faltar o serviço, vão acabar me mandando embora... Poxa, doutor... Tinha outros planos pro Natal e pro Ano Novo...Mas fazer o que, né?! É preciso, é preciso, é preciso...

Tarde-Noite-Madruagada do mesmo dia

Chegou em casa, desesperançado. E, de repente, veio uma angústia quando tomou consciência da gravidade do seu caso e das possíveis sequelas que o doutor havia listado: paralisia parcial ou total, comprometimento da fala, problemas na articulação de movimentos voluntários e involuntários, perda de memória, derrame cerebral, morte... E quando se deu conta de que a memória poderia ser afetada, começou a relembrar seus mortos: o pai, motorista de caminhão, que morrera de um enfarte fulminante, quando ele tinha apenas 19 anos, novembro de 1999, um mês antes das festas de Natal, aquele ano não houve festa e o fim de ano foi barra escutar a felicidade alheia quando em casa havia aquele pesar, talvez porque o médico ressaltara a “perda de memória”, sentiu como se já não se lembrasse direito do rosto do pai “preciso achar a caixa de fotos”... Depois, lembrou-se do irmão que sumiu pelo mundo afora em meados de 2003, até hoje não tinha nenhuma notícia dele, procurou ansiosamente pela internet por um tempo, mas era um mistério, por que ele saíra de casa? o que se passava na cabeça do irmão pra fazer isso? teve que consolar a mãe em mais esse momento de aperto, saiu com ela pra colar cartazes com a foto do irmão nas cidades vizinhas, a polícia não deu muito pelo caso “Minha senhora, ele já é um homem adulto, tem garantido o direito de ir e vir... Entretanto, porque a senhora pede, e nesse estado, vamos contactar nossos entrepostos e encaminhar o caso para a polícia federal, se ele sair do Brasil, vão saber...”, a peregrinação nos IMLs sem sucesso, perdeu a conta de quantos mortos ele e a mãe viram sempre na esperança de nunca reconhecerem o irmão e filho perdido, como de fato aconteceu... A mãe, a mãe recebeu um alerta falso de que esse filho perdido estivesse em uma cidade do Sul, lá foi ela, comprou uma passagem, embarcou no ônibus, mas não retornou mais... Isso há cinco anos... O ônibus capotou numa ribanceira num dia chuvoso e com ela foram muitos companheiros de viagem... A ele coube a tarefa nada fácil de reconhecer o corpo da mãe, tinha até hoje a imagem nítida daquele rosto sereno na mesa do necrotério, o cheiro forte de formol penetrando nas narinas e causando uma irritação odiosa na garganta...

Pegou a caixa de fotos guardada em cima do armário de roupas, uma camada de poeira, não gostava de deixá-las expostas em portarretratos, porque isso o deixava triste e deprimido... Mas agora, com a ameaça de perder a memória, e até a vida, começou a observar

atenciosamente cada detalhe das fotos, a fisionomia dos seus, as festas de aniversário, o casamento dos pais, os festejos de Natal, as festinhas de escola, os passeios na praia, as antigas namoradas, os avós também já falecidos, ele tinha medo de esquecer tudo aquilo, de esquecer quem eram aquelas pessoas...

Procurou por mais fotos e achou a caixa de brinquedos, havia alguns seus, alguns do irmão, que a mãe em certos dias (especialmente no aniversário do filho sumido) pegava e ficava a tatear como se ela resgatasse a presença daquele que havia se ido... Quando soube da morte da mãe, foi como se tivessem apagado boa parte das memórias da infância dele que nem ele poderia se lembrar: a primeira palavra falada, o primeiro sorriso, o primeiro tombo, a primeira papinha, o primeiro beijinho, as primeiras manifestações da sexualidade, as trocas de fralda, a linguagem infantil peculiar, as ideias luminosas e absurdas que só as crianças podem ter (“mãe, eu quero um par de asas”, “eu quero um pedacinho de céu”, “cata uma estrela pra colocar no meu quarto?”, “ah, se eu tivesse um pedaço da lua...”)... Essas memórias estavam perdidas, por assim dizer, a mãe levava consigo boa parte delas, só sabia as que tinham sido relatadas, memórias de segunda mão... “Você se lembra quando você tinha quatro aninhos e você caiu do seu velotrol, aí seu irmão que tinha sete anos na época veio te ajudar a se levantar, aí você mordeu o dedo dele, aí ficaram os dois correndo e chorando pelo quintal, mas aí passou um caminhão que buzinou, aí vocês levaram um baita de um susto e começaram a rir um do outro...” “Você se lembra daquela vez... você ia começar a estudar, ia fazer seis aninhos naquele ano, aí... no primeiro dia de aula, você ficou quietinho, não berrou nem esperneou feito as outras crianças... então eu te deixei com a professora, e voltei pra casa tranquila... mas dali umas duas horas, a diretora me mandou buscar lá em casa e a merendeira explicou que eu tinha que levar uma muda de roupa limpa, aí ela me explicou no meio do caminho que você tinha feito xixi nas calças e que ficou lá paradinho na sua carteira e quando as outras crianças perceberam, começaram a rir e a zombar de você, foi só então que você começou a chorar, de vergonha... Contando hoje, parece engraçado, não faz mal, é bom que você aprenda a rir do próprio passado, só assim a vida poderá ser mais leve... E depois, fiquei sabendo que foi tudo culpa do seu irmão que ficou dizendo que o banheiro da escola era todo cagado, uma baita de uma mentira... Aí você ficou com medo, ficou apertado, não pediu pra professora pra ir ao banheiro e tudo aconteceu como aconteceu... você ficou aquela semana

toda dizendo que não ia voltar pra escola... aí eu tive que te acompanhar e ficar contigo na sala de aula toda a semana seguinte e por quase um mês até você fazer amiguinhos e se acostumar... tudo culpa do seu irmão...”

O irmão participara de tantas histórias, e agora era triste constatar, mas quando fugiu de casa, seu irmão levou consigo também muitas de suas memórias, os momentos compartilhados, mesmo que cada um tivesse sua versão da história, as narrativas se entrelaçavam e se complementavam... “Você se lembra daquela vez quando a gente subiu o pé de goiaba, mas aí tinha uma casa de marimbondo e a gente encostou no galho pra pegar uma goiaba, aí começou a sair um monte de marimbondo e a gente teve que pular rápido e sair correndo?” Claro que ele se lembrava, e muito bem, porque um dos marimbondos conseguiu espetar o ferrão na bochecha dele (agora, depois de tantos anos transcorridos, ele passava a polpa do dedo no local onde havia sido a ferroada), o rosto inchou e ele teve que faltar vários dias da escola pros outros meninos não zombarem dele. “Você se lembra daquela vez que eu te peguei dando uns amassos naquela sua coleguinha de sexta série, aí, ela toda envergonhada disse que tinha que ir pra casa porque a mãe tava chamando... Ela devia ter ouvidos biônicos (risos), porque ela morava a uns dois quilômetros da nossa casa” ... “Você se lembra daquela vez que você ficou com medo de que sua namorada estivesse grávida e com mais medo ainda que o pai dela descobrisse e obrigasse vocês se casarem?” ... “Você se lembra daquela vez que você foi beber umas biritas, e era fraco pra bebida pra caralho, aí foi conversar com uma menina e vomitou no vestido dela todo?” ... “Você se lembra que eu te peguei numa conversa estranha com aquele menino delicado do bairro, aí eu ia falar pro pai, mas aí a gente ficou sabendo que o pai tinha morrido?” ... “Você se lembra que eu te disse que não tava bem e que a minha vontade era a de sair por aí e sumir no mundo?” Claro que ele se lembrava, foi uma semana antes de o irmão ganhar a estrada, ele achou que eram palavras ditas da boca pra fora, numa mesa de bar, aqueles desesperos da existência que a gente vomita enquanto bebe uns gorós, mas não... Agora se envergonhava de ter meio que encorajado dizendo “se sair aí pelo mundo, me leva contigo, porra!” Nunca contara para a mãe sobre essa conversa de bar e agora se arrependia, amargamente. O que era do seu irmão agora?

Será que depois da operação ele iria se esquecer de todas essas histórias?

1º de janeiro de 2011.

“Feliz Ano Novo!”, dissera de si para si, enquanto a enfermeira trocava as ataduras que enfaixavam a cabeça, ele deu um apertão forte no braço da moça, coitada, e pediu “Você pode me arranjar um espelho? (...) É que eu gostaria de ver como ficou o estrago...” “Não diga isso, a operação foi um sucesso” “Um espelho, é só o que te peço...” “Tudo bem, mas não diga a ninguém que fui eu que trouxe...” Quando se olhou no espelho, levou um ligeiro susto, como quem não se reconhece mais, pensou até que já fosse sequela da perda de memória agindo sobre a própria imagem, que estranhamento, era ele, mas ao mesmo tempo não era, tinha se acostumado com os cabelos negros e espessos, ligeiramente ondulados, a barba por fazer quase sempre naquele rosto, agora parecia estar pelado, no sentido mesmo de não ter pêlos, achou-se feio, repulsivo, e ao olhar os pontos na cabeça, falou alto como pensamento que escapa da cabeça para os lábios “Pior que Frankenstein!” A enfermeira que estava perto, deu uma risada tímida. Percebendo a presença dela, disse de modo largado “Ah, você está aí, pois saiba que me arrependi de ter te pedido o espelho, estou horroroso, enrole essa cabeça esfolada nas bandagens, antes múmia do que o horrível Frankenstein!!! Bem, se não conseguir voltar para meu antigo emprego, pelo menos agora vou poder fazer ponta em filme de terror, o cachê deve ser bom...” “Pelo visto, a operação não deve ter alterado o seu bom humor”, sorriu a enfermeira e ele quase que automaticamente pensou “Mesmo mal-acabado do jeito que estou, acho que ela está dando em cima de mim” E realmente estava.

05 de janeiro de 2011.

Depois de um monte de palavras grandes e difíceis ditas pelo neurologista que o havia operado, ele, um “novo Frankenstein” ficou sabendo meio por alto que a operação foi um sucesso e que, aparentemente, a drenagem do coágulo ocorreu sem grandes problemas, a cauterização da veia obstruída parece não ter afetado a irrigação do cérebro, a retirada do resto da veia que não teria mais utilidade nenhuma foi um processo delicado, mas cujo êxito entraria para os anais das ciências médicas. O doutor pintou um quadro excelente e a cada pincelada, inflava o peito com orgulho transbordante. Ademais, aparentemente ele, o operado,

parecia não estar sofrendo de qualquer sequela ou lesão consequente da operação, estava se recuperando maravilhosamente bem, os testes psicométricos não revelavam qualquer alteração na fala, na compreensão, nos níveis de consciência, nem problemas de memória. Em poucos dias ele receberia alta e poderia voltar às atividades rotineiras. Fosse apenas alguns poucos anos atrás e o destino dele seria sofrer um derrame ou na pior das hipóteses, a morte.

07 de fevereiro de 2011.

Seu cabelo cresceu rapidamente e tapou-lhe as cicatrizes da operação, quando passava a mão pelo couro cabeludo, sentia a pele mais grossa e alta das cicatrizes, como se agora a cabeça dele tivesse divisões sensíveis. Nesse dia, ele estava retornando ao trabalho. A empresa metalúrgica em que trabalhava concedeu-lhe todas as folgas e licenças garantidas por lei para que ele tratasse da saúde e voltasse bem ao serviço, não porque eram caridosos e pensavam no bem-estar dos funcionários, mas porque ele era um excelente profissional e treinar outro funcionário para a função de torneiro mecânico despenderia tempo e dinheiro para treinamento de outro candidato para esta vaga, habilidoso e preciso como ele eram poucos.

Com a história da operação e o perigo iminente da morte, ele conseguira reatar os laços com uma antiga namorada, voltaram a sair e a namorar, mas agora sem compromisso, era mais como uma amizade do que uma relação de namoro propriamente dita, conversavam muito, e entre as trocas de palavras, às vezes ocorria naturalmente a troca de fluidos e declarações e promessas de um amor eterno que eles sabiam que não era para sempre pelas limitações naturais do ser humano.

Ele estava feliz.

10 de maio de 2011.

Chegou para trabalhar como sempre. Mas quando um dos colegas de serviço mais chegados veio lhe cumprimentar, por mais esforço mental que fizesse, não conseguia lembrar o nome dele. Disfarçou esse lapso de memória repentino substituindo o nome do

colega com a palavra genérica “rapaz”. Isso aconteceu com mais outros três colegas de serviço ao longo do dia, inclusive com o chefe imediato dele, que havia de certa forma preenchido a falta que ele sentia do irmão mais velho e até da figura paterna. Enquanto o chefe imediato falava de esposa e filhos, ele falava do retorno com a namorada, pedia conselhos, uma camaradagem verdadeira e recíproca que outros funcionários viam com maus olhos, como se ele fosse uma espécie de “benjamim” do “chefinho”. Que estranho, parecia que o nome do chefe estava na ponta da língua, coçando para ser pronunciado, mas não saía de jeito nenhum, trocou o nome do chefe-amigo para a palavra genérica “cara”. Pensou consigo “estou ficando velho e me esquecendo do nome das pessoas, como isso me dá nos nervos”.

13 de maio de 2011.

Chegou o fim de semana e ele já não sabia mais o nome de ninguém, dos funcionários que conhecia, nem mesmo o da secretária do escritório, que era a maior boazuda e cujo nome parecia doce na boca daqueles marmanjos que malhavam o aço o dia inteiro. Lembrou-se que quando teve que requisitar a encomenda de uma peça para a secretária, ele a chamou de “moça”, o que ela achou engraçado, uma vez que ele sempre a chamava de “Dona ...” “Só falta me chamar de “donzela”...”, pensou a secretária sorrindo intimamente com o próprio pensamento. A verdade é que todo mundo no trabalho havia se tornado um bando de “rapaz”, “cara” e “moça”. Todo mundo já estava estranhando. Pensavam “que falta de consideração a dele, não trata mais a gente pelo nome, pelo apelido usual” e vez por outra alguém dizia “deve ter sido aquela operação que ele fez na cabeça...”

17 de outubro de 2011.

Fazia já uma semana que ele não ia ao trabalho. Por quê? Acreditem ou não, mas ele não se lembrava do trajeto para o serviço, não se lembrava nem do nome nem do número da linha de ônibus que pegava para ir até o local de trabalho. Não sabia também que tinha que ir trabalhar, nem sabia que já houvera um dia trabalhado. Durante toda a semana, o chefe

imediatamente ligara para saber por que cargas d'água ele estava faltando o serviço, mas todas as vezes, para ele, o “torneiro mecânico modelo”, era como se fosse a primeira. Apesar de que o chefe fazia menção de já ter ligado no dia anterior, o que ele não lembrava. O outro, o chefe, pensava que ele estava fazendo troça e faltando o serviço deliberadamente, talvez um pedido indireto de aumento de salário. Mas não era nada disso. De qualquer modo, o chefe ligou para a namorada e pediu a ela para ir até a casa do namorado para ver o que estava acontecendo, foi quando a moça revelou que haviam se separado recentemente, a uns dois meses, porque uma noite, após fazerem amor, ele, o namorado grosseiro, dissera que não se lembrava do nome dela. O chefe insistiu “vá até lá, veja o que está acontecendo, já faz uma semana que ele falta o serviço”. Ela disse que iria fazer isso, não porque ele, o chefe, estava pedindo, mas porque apesar de tudo, ela ainda gostava do ex-namorado.

Quando ela chegou lá e apertou a campainha, logo na porta, ele perguntou “Por um acaso eu te conheço, moça?” Ela estranhou por demais essa reação e perguntou espantada “Você tá falando sério que não me reconhece? Você não faz ideia de quem eu sou?” Ele só disse “Desculpe, mas eu acho que a gente nunca se viu... você é nova na vizinhança? Você é solteira?” Ela ficou com uma cara de quem não sabe como reagir e ele logo emendou “Bem, se você for solteira, saiba que também estou sozinho no momento, poderíamos sair juntos, só pra gente se conhecer e quem sabe... a você sabe, assim que tudo começa...” Ela disse “Se isso for uma brincadeira, saiba que é uma brincadeira de muito mau gosto...”, “Desculpe moça, não quis ofender a senhora não... mas só pensei, se você fosse solteira, talvez eu pudesse ter uma chance...” Então, de modo esperto e fazendo-se de ingênua, ela perguntou de supetão “Que galante! Mas então eu gostaria de saber o nome desse príncipe que está me cortejando... Você pode me dizer como você se chama?” Ele fez uma cara de parede e então disse “Ihh, moça, eu não consigo me lembrar como eu me chamo não, mas se quiser pode me chamar de “príncipe” mesmo, aí você vai ser minha princesa” Ela perguntou “Posso entrar?”, “Por favor” Ela foi até o quarto dele, revirou algumas roupas, o que ele achou muito despropositado: uma estranha que ele nunca vira e mal conhecera entrar assim na casa e mexer nas coisas dele, mas o que ele não fazia pela oportunidade de uma paquera. “Moça, nunca que uma mulher fez isso comigo não, ficar bagunçando minhas roupas, é a primeira vez...”, “Sempre tem uma primeira vez pra tudo...” Finalmente ela achou a carteira dele num

dos bolsos de uma das calças, ela pegou a identidade dele, esticou para que ele visse e disse “Você se chama Xxxxxxx e você já me conheceu, a gente já se namorou, se separou, voltou de novo, se separou de novo, mas pelo visto, você não se lembra... Você se lembra de ter feito uma operação na cabeça?”, “Eu nunca fiz operação na cabeça, tá doida?” Então ela pegou a mão dele e foi passando pelas cicatrizes no couro cabeludo, ele soltou “Não me lembro disso...”, “Vem comigo, eu preciso te levar num médico de cabeça, porque parece que você não se lembra de muita coisa e isso não é normal...”, era a primeira vez naquele dia que umas lágrimas contidas afloravam nos olhos dela, era pena, ela tinha pena dele e por isso, o amava mais.

18 de outubro de 2011.

Não conseguiram ser atendidos no dia anterior, então conseguiram marcar excepcionalmente uma consulta com o neurologista para o dia de hoje. A enfermeira dissera “saiba que isso é uma exceção que estou abrindo, dado a gravidade do caso que a senhorita está relatando, porque em condições normais, só teríamos horário vagando para daqui uns dois meses...”

Estavam os dois lá no consultório esperando a chegada do médico. O doutor chegou e já foi logo perguntando o problema. A ex-namorada relatou o que acontecera, as faltas no serviço do ex-namorado, o médico disse que por causa de algum trauma, possivelmente a própria separação dos dois, que isso poderia ter causado uma decepção grande no rapaz que agora estaria encenando uma perda de memória “A maioria dos males de memória é de fundo emocional”, essa fora a asserção categórica do neurologista. “Então vou provar-lhe que não é uma encenação”, disse a moça voltando-se para o ex-namorado “Diga ao doutor como você se chama, por favor” Repetiu-se a mesma cena do dia anterior, uma cara de paisagem estampada no rosto do rapaz e ele repetindo “Não sei, não me lembro...”, “Está vendo doutor, ele não consegue nem se lembrar do próprio nome, embora eu tenha dito pra ele ontem como ele se chamava!”

A ex-namorada relatou a operação para retirada de um coágulo e dissera que tinha sido ali a operação, o médico rastreou nos arquivos a ficha do paciente e confirmou a informação e

acrescentou “Mas ele parecia ter se recuperado tão bem... Isso não pode ser sequela da operação, tudo ocorreu bem, foi um sucesso!” O médico fez alguns exames rápidos de reflexo, auscultou o coração, aferiu a pressão sanguínea e então aplicou um teste psicométrico para poder dar um diagnóstico provisório. “Ao que tudo indica, seu namorado desenvolveu mal de Alzheimer... mas preciso confirmar isso com outros colegas especialistas da área e fazer mais exames”, “Como pode, doutor? Ele é tão novo, isso é doença de velho, não?”, “Nem sempre, em geral, a doença se manifesta em idosos, porque na terceira idade o cérebro tende a se deteriorar naturalmente; mas tal processo pode ocorrer em pessoas jovens, provavelmente por causa de condições genéticas muito específicas... Talvez essa doença já estivesse de certa forma escrita no DNA dele desde o nascimento” A ex-namorada fez uma cara de incredulidade e o médico foi acrescentando “Talvez a falta de uma proteína durante a formação do feto e uma alteração no código genético pode se instaurar, levando ao desenvolvimento de uma patologia, quero dizer, de uma doença... Sei que é difícil de compreender, mas o código genético do ser humano ainda é um grande mistério a ser desvendado pela medicina... Um dia talvez possamos encontrar a “cura” para essa e outras doenças degenerativas... Mas ainda é preciso muita pesquisa... Sinto muito pelo seu namorado”.

Agora a ex-namorada era a única pessoa para cuidar do ex-namorado, ela sabia da história dele: órfão de pai, de mãe, o irmão que sumiu no mundo... Agora ela pensava se essa série de tragédias não poderia ter desencadeado a doença mental do namorado de modo mais acelerado, “Mas o doutor disse que é um defeito do código genético...”. Ao voltar para a casa do ex-namorado, teve que quase mandar ele tomar banho e se vestir, preparou a refeição pros dois, como se ela tivesse saído do papel de amante e agora estivesse desempenhando o papel de mãe. Ela, que era psicóloga formada, dizia consigo sobre essa mudança de papéis, quase rindo para não chorar “Freud explica...”. Na verdade ela estava sentindo muita pena dele, porque de certa forma, agora ele era tão ou mais indefeso do que uma criança, desamparado no mundo, sem família, sem ninguém por ele, a não ser ela.

18 de dezembro de 2010.

Como ele estava morrendo de medo de ficar desmemoriado, ele se lembrou de um filme que havia assistido no cinema há uns tempos atrás e que havia gostado muito, a sua namorada da época estava ruiva como a menina do filme, aquela atriz famosa do Titanic, como era mesmo o nome dela, ah, não importa, iria descobrir ao ler os créditos no início do filme. Foi até a locadora de DVDs, não se lembrava do nome do filme, então contou mais ou menos sobre o que era a história, aí a atendente da locadora falou “Você só pode estar falando do Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças! É com o Jim Carey...”, “E também tem aquela atriz do Titanic?”, “Sim, isso mesmo, a Kate Winslet”, “É esse mesmo que eu quero alugar, moça” (abriu um sorriso sedutor, de praxe). A menina da locadora que tinha a pele muito clara enrubesceu, não por decoro, mas umas tintas de decoro pra quem sabia como terminavam as coisas a partir de um sorriso como aquele, podia até ser o calor do desejo pré-libado, os ardores do antegozo, a vergonha de querer se mostrar em carne vermelha e retumbante. Ela sabia muito bem o filme se encontrava, era ela quem arrumava aquelas prateleiras todos os dias, mas não deixou de atuar, titubeou pelos títulos, deslizando os dedos de unhas vermelho-esmaltadas pelas capas de plástico escorregadias e sedosas como pele de manequim de loja de roupa íntima. Agora era ele quem sentia certos ardores e frêmitos, os lábios inflamando secos ordenando que a língua úmida se lhes passasse por cima. A atendente deu um clique de olhos com sentidos vários e disse “Aqui está, senhor, mais alguma coisa?”, ele queria dizer “Você!”, mas atrapalhou-se e disse desajeitado “Não, não...” Ela digitou no teclado do computador o nome da carteirinha dele, registrou o empréstimo no sistema, ensacou o filme, avisou a data de entrega, as multas de atraso e ainda desejou um “Bom final de semana” ansioso.

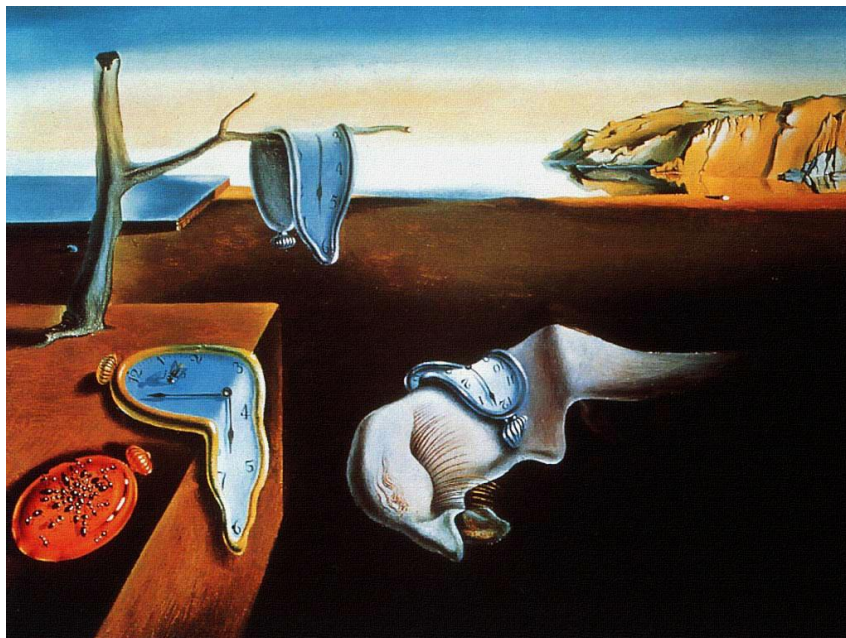
Ao chegar em casa, ele colocou o filme pra rodar e assistiu sem descolar os olhos do aparelho televisor. Na verdade, o personagem principal do filme estava passando por uma situação bem oposta à sua própria: enquanto ele temia perder a memória, o personagem do filme queria exatamente apagar a memória de um amor avassalador, um romance de coração partido típico do cinema americano, mas com uma solução bem original: e se pudessemos apagar todas as memórias traumáticas e tristes, os amores falidos, os amores perdidos, as

rejeições, os desprezos, os momentos de humilhação? Ele pensava consigo “só mesmo na ficção isso é possível, ia ficar rico o cara que inventasse uma máquina, ou parafernália igual a do filme, que apaga as más memórias”. Mesmo assim, tal como no filme, algo poderia dar errado se essa memória estivesse tão profundamente enraizada, que para retirar-lhe talvez fosse necessário extrair mesmo uma parte do cérebro.

Ele desligou o aparelho reproduzidor de DVD e com o controle remoto ficou sapeando pelos canais de televisão aberta, tinha dias que ele ficava fazendo isso por horas, como uma terapia, ou antes, uma mania. Um dado momento ele parou de apertar o botão do controle, e para surpresa dele que gostava de filmes e cinema, estava dando um filme com o Tom Cruise e com a Cameron Diaz, ele sabia que era um *remake* de um filme falado em espanhol. Quando ele havia assistido o filme em espanhol pela primeira vez, achava bizarro o cara com uma máscara o tempo todo, envolvido num acidente em que perdera uma namorada, a outra menina por quem ele era obcecado. Tudo ou quase tudo foi aproveitado no filme com o Tom Cruise, e que coincidência, outro filme sobre memória. Seria possível reconstruir a realidade a partir do que ficou retido na memória de uma pessoa já morta, cujo cérebro fora preservado? E como no outro filme, a ficção mostrava que erros e falhas poderiam deteriorar essa memória e os resultados poderiam ser diferentes do esperado. Ele ficou pensando se um dia a tecnologia chegaria a ponto de ressuscitar ou reativar as memórias perdidas nos cérebros congelados. Por um breve momento, ficou ponderando “De quem seriam as memórias de Frankenstein: quantos enxertos de cérebro constituiriam a cabeça desse monstro fictício?” A verdade é que nesse dia, ele estava tentando buscar alívio dos seus temores na ficção, se ele não tivesse sabido que tinha um tumor na cabeça, ah o alívio da ignorância!, não saber, de certo modo, é não sofrer.

A solução para a memória de Frankenstein parecia ser essa: o monstro só existia a partir dos fragmentos de memórias dos outros personagens que o lembravam, principalmente do médico louco que o engendrou. O paralelo provável talvez seja que nós também só tenhamos garantida uma existência *post mortem* à medida que as pessoas continuem se lembrando de quem fomos, mas quando os que nos sobreviveram deixam de se referir a nós, daí morremos: Homero não tem descanso!

Para encerrar esse dia de medo e insegurança, ele pegou um dos manuais de literatura do segundo grau, fragmentos de leitura que volta e meia ele gostava de visitar, folheou, folheou e deu de cara com uma pintura do Salvador Dalí, essa aqui



Persistência da Memória: era esse o título e que ironia, ele que ansiava pela persistência da própria memória ficava confuso com aquelas imagens de relógios derretendo, o tempo como algo sólido e que se liquefaz, escorrendo da cabeça para um rio de memórias desconhecido, subterrâneo e medonho, talvez um Caronte pescador dos nossos feitos e fatos, peitos e fados, sem saber decifrar a história da humanidade, apenas lançando esses fragmentos nas praias infernais do esquecimento. Do lado oposto da imagem, tinha um poema do Drummond, bem a propósito: *Memória*, era um poema simples, sem muito nhem-nhem-nhem, do jeito que gostava, e os últimos versinhos eram os que mais apreciava: *Mas as coisas findas / muito mais que lindas, / essas ficarão*. O que ia ficar de sua memória após a operação? Tantas dúvidas, medos, queria esquecê-los todos. Deitou-se, mas não dormiu, sua cabeça era um turbilhão de fatos como um liquidificador girando os acontecimentos. A dor persistia.

12 de outubro de 2011.

Ele estava sentado na cama, não sabia há quanto tempo, estava com uma cara de homem idiota, sem muita reação muscular, babando. Fazia um esforço tremendo para sair daquele estado e não conseguia. Imobilidade, mutismo, catatônico como um cacto no deserto. A chama se extinguiu e não iria sobrar nem cinzas.

12 de maio de 2011.

Teve um pesadelo durante a noite: estava imóvel no quarto enquanto inúmeras pessoas mascaradas retiravam as coisas do seu quarto, parecia uma devassa: roupas, livros, objetos de uso pessoal, aquele exército vinha, pegava e levava todos os objetos para fora, enquanto ele permanecia imóvel sobre a cama, sem reação, mas internamente desesperado. Já tivera pesadelos semelhantes, a imobilidade o sufocava e então ele despertava. Mas dessa vez o desespero foi quase mortal, o quarto sendo esvaziado e só restava ele, sem nada dizer ou fazer.

24 de dezembro de 2010.

Antes de ser operado, ele pensou rapidamente: um homem sem memória é como uma biblioteca em chamas. “Que o fogo se extinga!”, rezou em silêncio.

Ele meditava “Bom presente de Natal: abrir a cabeça literalmente”. Tudo por causa de um presente dado muito antes, no código genético, ele pensava “por que que a natureza falhou comigo? o que não deu certo? por que que alguma coisa dentro de mim não combinou direito e resultou nesse erro da natureza?” Ele estava mais frágil que a noite.

Em silêncio rezou “Que o fogo se extinga!”

14 de maio de 2011.

Que droga!, não consigo nem acessar meu perfil na rede social, o meu e-mail é esse, mas e a senha? Qual é a senha? Não consigo lembrar, por quê? O que vai acontecer se eu não conseguir mais acessar a minha página? As pessoas vão pensar que morri, na pior das hipóteses, ou que fui vítima de um ataque de *hacker*. E se eu não conseguir mais acessar, minhas fotos vão ficar pra sempre aí, as besteiras que disse, as piadas que vão perder graça com o tempo, os comentários engraçados dos meus amigos, e aquela menina que até hoje não sei quem é, mas que adicionei com a possibilidade de conhecer na vida real. E se ela for um velho tarado se passando por boazuda? Esse mundo tá todo virado do avesso, e minha cabeça, nem se fala, não consigo me lembrar nem da minha senha... Nessas horas que queria ter um *chip* na cabeça para não me esquecer de mais nada. Miséria!

22 de novembro de 2014.

Ele estará amarrado na cama do hospital. Sem reação. O olhar vazio. Sem memória. Uma pedra. Não sabe quem é ou quem foi. Tornou-se uma coisa. O quarto branco. O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

O silêncio.

...